



Da Copa do Mundo aos Jogos Olímpicos

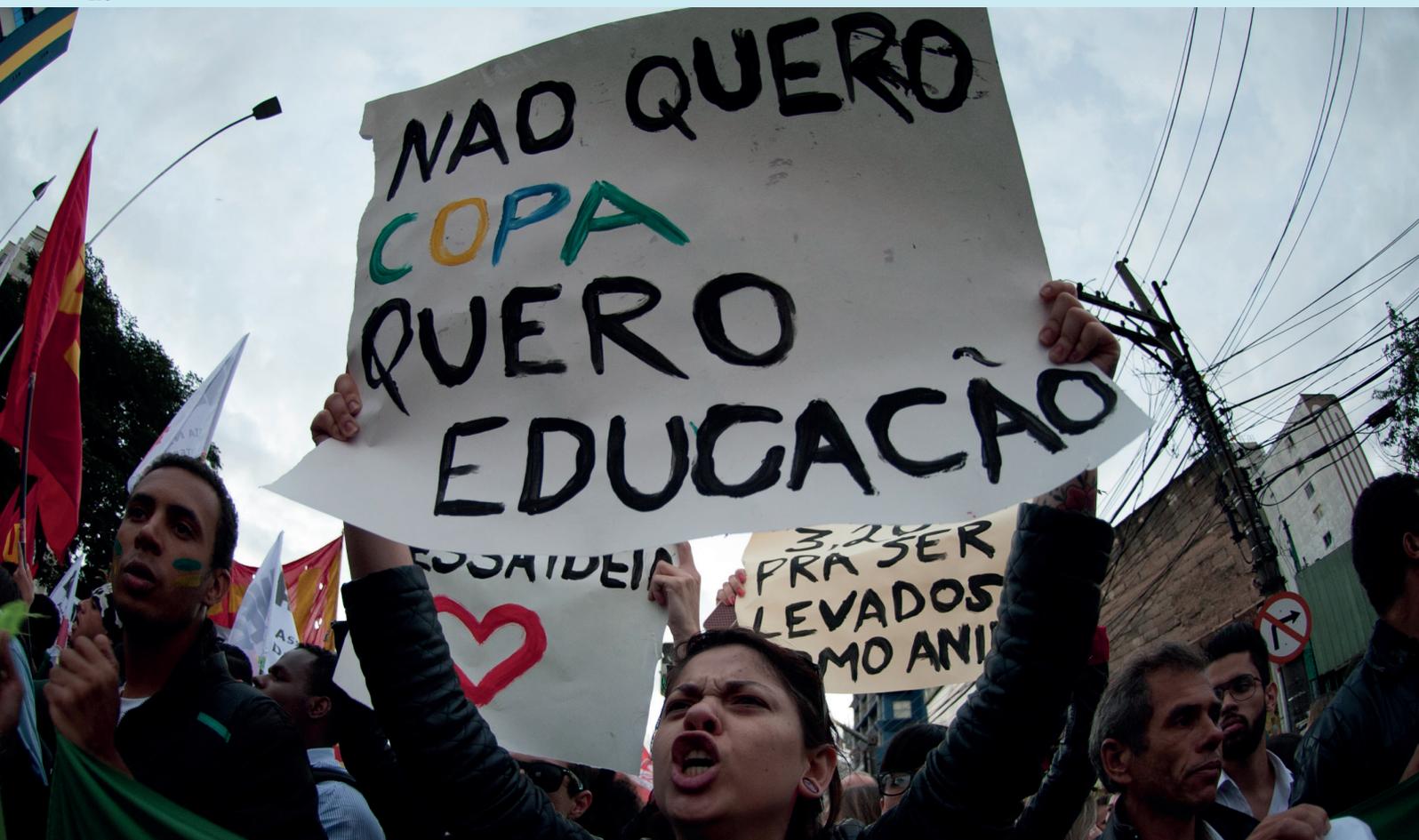
Luciano Leonidio *

Após o apito final do jogo entre Alemanha e a Argentina, no dia em 13 de julho de 2014, deu-se por encerrado (ao menos, teoricamente) o evento a que muitos denominaram, capitaneado pelo governo brasileiro de “A Copa das Copas”! O espírito de “dever cumprido” – ao menos em alguns setores da sociedade –, após o fechamento das cortinas da Copa do Mundo 2014, diferiu muito das previsões negativas disseminadas por toda a parte antes da Copa. De fato, diante de algum problema ou entrave relacionado a lacunas sociais, ou ainda a pro-

blemas da infraestrutura do evento em si, era muito comum ouvir a expressão “Imagina na Copa”.

Mas o pessimismo em relação a megaeventos esportivos como a Copa do Mundo não é um sentimento que paira apenas em nosso país. Em 2003, por ocasião do lançamento da candidatura de Londres para receber os Jogos Olímpicos de 2012, a rede de televisão BBC realizou uma pesquisa de opinião para saber o que as pessoas tinham a dizer sobre este assunto. Opiniões como “nós britânicos não temos que pagar por isso” ou “o dinheiro seria melhor

EBC



aproveitado se fosse investido em atividades esportivas para comunidades carentes”, entre outras, resumiam as preocupações dos londrinos.

Dois anos antes da Copa de 2010, na Alemanha, um ex-presidente daquele país definiu o sentimento geral dos alemães como uma “depressão coletiva”. Nos preparativos da Copa de 2010, na África do Sul havia o temor de um possível caos no transporte público, e de casos de violência e acidentes com visitantes. Nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, boa parte da população não acreditava no sucesso do evento, e o Comitê Olímpico Internacional ameaçou cassar o direito de realização dos jogos pelos gregos.

No Brasil não poderia ser diferente. De acordo com levantamento da Sport+Markt, empresa alemã de consultoria, 83,8% dos brasileiros se diziam pessimistas em relação à Copa de 2014 e aos seus preparativos. Por outro lado, os dados que foram apresentados no pós-copa contrariam grande parte destas expectativas negativas.

Durante o Mundial de Futebol, pesquisadores da Faculdade Asces e da Universidad Tecnológica de Pereira (Colômbia) realizaram conjuntamente um projeto de pesquisa buscando identificar as percepções das pessoas em relação à Copa. Durante o período da competição, foram visitadas as quatro capitais nordestinas cidades-sede do Mundial (Recife, Natal, Fortaleza e Salvador), e foi possível coletar diversas percepções de brasileiros e estrangeiros que apontavam as inquietudes da população e os impactos das ações e manifestações públicas sobre a Copa do Mundo.

Um dado importante que emergiu do projeto e vale a pena ressaltar neste espaço é a percepção positiva dos estrangeiros que vieram ao Brasil durante a Copa. Esses visitantes são, em sua grande maioria, homens (64,17%), com idade entre 26 e 39 anos (54,61%); solteiros (60,98%), e com formação em nível superior (79,24%). Poucos deles vieram sozinhos: visitaram o Nordeste brasileiro com a família (41,60%) ou com amigos (47,29%). Contrariamente ao que muita gente pensa, boa parte destes visitantes não ficaram em hotel (41,77%), mas estavam satisfeitos com a hospedagem que haviam escolhido (88,29%). Alguns deles não chegaram a assistir nenhum jogo (12%).

No que refere ao tempo de permanência no Brasil, a grande maioria ficou no país por, no mínimo, seis dias (57,71%) e visitou mais de uma cidade (64,51%). Um percentual significativo afirma não ter tido acesso à cultura local (51,6%). A grande maioria dos entrevistados se sentiu muito acolhida pelo povo brasileiro (87,85%) e 71,49% dos pesquisados afirmaram que o Brasil viveu um clima de muita festa com a realização do Mundial.

Embora tendo sido apontada por muitos especialistas durante o período da Copa das Confederações 2013 como um dos “principais problemas” que o país enfrentaria na organização do Mundial, os protestos populares não foram presenciados pela maioria dos visitantes (73,64%). Por outro lado, muitos deles afirmaram que haviam acompanhado as notícias das manifestações de 2013, o que influenciou fortemente a própria percepção do povo brasileiro e gerado insegurança e dúvida em relação à viagem ao Brasil (51%).

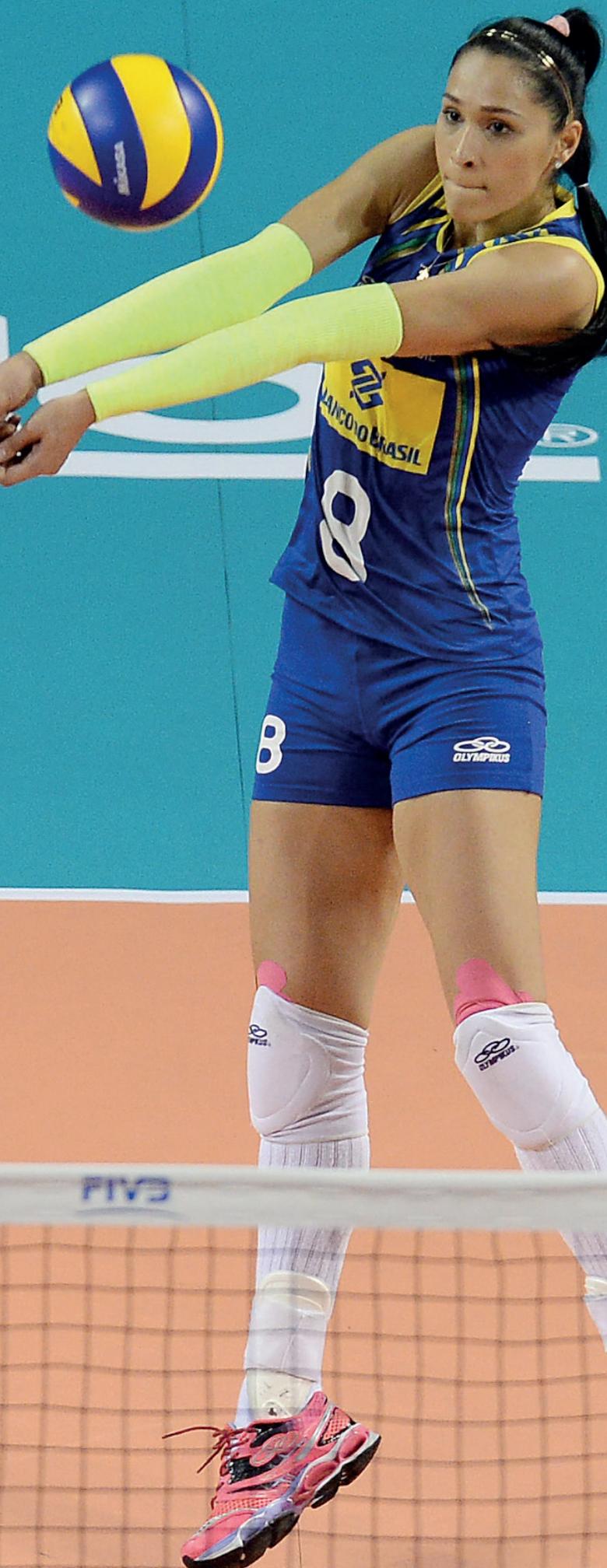
“Decepções futebolísticas à parte, o balanço foi positivo. Diante deste quadro, e contrariando a lógica pessimista bastante peculiar durante a preparação de um megaevento esportivo, os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro poderão apresentar uma dinâmica diferente”

De acordo com a percepção da maioria dos visitantes, o Brasil obteve muitos ganhos econômicos e de infraestrutura esportiva com a realização da Copa do Mundo (64,8%). A imagem que haviam adquirido do país era extremamente positiva tanto em relação às cidades visitadas (69,08%) quanto ao país como um todo (86,2%).

Apoiando-se em dados positivos do Governo Federal, a presidente Dilma Rousseff evidenciou o sucesso da Copa no Brasil. Em sua avaliação pública, declarou: “Estou certa de que todos os que vieram ao Brasil levarão de volta a experiência de ter conhecido um belo país, feito por um povo carinhoso e receptivo, e onde impera a diversidade. Nós, brasileiros, guardaremos a emoção e a satisfação de ter realizado um evento muito bem-sucedido, uma Copa que só não foi perfeita porque o hexacampeonato não veio”.

Decepções futebolísticas à parte, o balanço foi positivo. Diante deste quadro, e contrariando a lógica pessimista bastante peculiar durante a preparação de um megaevento esportivo, os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro poderão apresentar uma dinâmica diferente. Não é a primeira vez que o mesmo país sedia, na sequência, dois megaeventos esportivos, com intervalo de apenas dois anos. Isso já aconteceu no México (Jogos Olímpicos 1968





(Foto: FIVB/Fotos Publicas)

e Copa do Mundo 1970), na Alemanha (Jogos Olímpicos 1972 e Copa do Mundo 1974) e nos Estados Unidos, cuja experiência se aproxima ainda mais do Brasil, já que realizaram primeiro a Copa e, depois, as Olimpíadas (Copa do Mundo 1994 e Jogos Olímpicos 1996). Obviamente, o atual contexto de globalização faz com que a repercussão e os impactos deste tipo de coincidência sejam muito maiores hoje do que no passado.

Após o “sucesso” da Copa no Brasil e o sentimento de dever cumprido por parte do Governo, um otimismo exacerbado vem se desencadeando no processo de preparação dos próximos Jogos Olímpicos. Em meados de abril, o discurso sustentado pelo alemão Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI) e pelo seu vice, o australiano John Coates, era de que os preparativos para o Rio 2016 eram os piores já vistos na história desses eventos. Surpreendentemente, o tom mudou radicalmente depois da Copa. De fato, ele chegou a afirmar: “Quero parabenizar o Brasil pela formidável organização da Copa do Mundo. O Brasil e os brasileiros podem se orgulhar da organização que fizeram, que está sendo reconhecida em todo o mundo. Temos a absoluta certeza de que, daqui a dois anos, teremos um excelente evento olímpico no Brasil e no Rio de Janeiro”.

O fato é que, para além do teor político dos discursos oficiais, a Copa do Mundo introduziu o Brasil na agenda dos megaeventos esportivos. No entanto, isso não é garantia do sucesso dos Jogos Olímpicos de 2016. O grande desafio é que o país saiba aproveitar desse importante evento esportivo como um mecanismo de desenvolvimento e fortalecimento do esporte no país.

De acordo com o projeto de candidatura do Brasil como sede dos Jogos Olímpicos, uma das principais motivações para isso seria a promoção e o desenvolvimento do esporte. Não há dúvidas quanto à carência do país neste âmbito. O país carece, entre outras coisas, de políticas públicas esportivas eficazes, de melhoria na qualidade e na oferta de equipamentos esportivos para o uso da população, de democratização do acesso ao esporte no país enquanto direito social, tal qual preconizado na Constituição Federal.

Os jogos Olímpicos ajudarão o país a responder a esses desafios? Aguardemos as cenas dos próximos capítulos. ■

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor e coordenador do curso de Bacharelado em Educação Física da Faculdade ASCES. Membro da Associação Brasileira de Gestão do Esporte (ABRAGESP) e Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE)